



Biblioteca Pública de

Braga

19
AGOSTO
1961

SEMÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

Presidente da Câmara Municipal de Amares

UMA NOTÍCIA DE BONS EFEITOS

Lembrou-se um jornal diário de publicar a notícia de que o sr. dr. Eduardo Gonçalves havia pedido a demissão de presidente da nossa Câmara, e logo outros órgãos de divulgação lhe seguiram o exemplo. Embora o desmentido não se fizesse demorar a nova correu célere.

E foi bom. A notícia deu origem às mais diversas provas de carinho e de admiração pela obra que o sr. dr. Eduardo Gonçalves vem realizando, manifestando-se exuberantemente o receio de regressarmos ao estado de inércia em que vivemos tanto tempo e que se consubstancia no facto de, nos 10 anos anteriores ao seu mandato, termos recebido de participações cerca de 7 contos.

Para confronto é bom salientar que actualmente as

obras em curso ou as que estão para se iniciar no próximo mês, vão além dos 1.000 contos.

Não pode deixar de ser interessante também lembrar aqui que um despacho muito recente do sr. Ministro das Obras Públicas dizia *«acontece porém, que a Câmara mudou francamente para melhor»* e a finalizar *«que até aqui não tem sido administrada com felicidade»*

Normal, pois, que de todos os lados do Concelho se tenha telefonado ou vindo pessoalmente a inquirir da verdade e que fôssem muitos os que fizessem diligências para retirar o visado de uma atitude que afinal nunca tomou nem está para tomar. Em verdade muita razão tinham pa-

Continua na 4.ª página

Uma medida de higiene que se impõe

O combate à calamidade que a doença constitui, pode tomar várias formas, mas nenhuma é decerto mais eficaz do que a da profilaxia, pois esta tende evitá-la, o que é muito mais compreensível, simples e económico.

De facto, é mais aconselhável evitar doenças do que curá-las, remédio pleno de sabedoria e que o homem, mesmo o civilizado, tende a esquecer com frequência que entristece.

Duma inadvertência pode resultar uma infecção perigosíssima e até trabalho imprevisível para o coveiro do cemitério onde se haja de ser sepultado.

Destas verdades amargas está a vida cheia e é por isso que nos nossos permanentes objectivos está o martelamento constante desta tecla que a todos interessa: a profilaxia. Um simples vidro espetado num pé, pode enviar-nos sem possível remissão para o desconhecido que é o chamado Além, e a falta de limpeza tem originado muitas doenças que custam rios de dinheiro. No entanto, dez tostões de sabão e uma oportuna ba-

nheira cheia de água limpa tê-las-iam evitado.

Já alguns sábios da antiguidade diziam, que grande parte dos que choram, mereceriam ser afogados na sua própria dor, e, na verdade irradia muita luz desta sentença lapidar.

Este, passa a vida a respirar fumo, e depois espeta-se

Continua na 4.ª página

ROMANCE OU NOVELA?

(Continuação do número 290)

D. António logo que as mulheres se afastaram deu alguns passos e sentou-se numa pedra ali postada para servir de marco divisório e colocando o rosto entre as mãos conservou-se algum tempo imóvel e pensativo.

No seu cérebro passaram como num filme ideias tenebrosas que o oprimiam sem atinar com uma conclusão lógica e bem defenida.

Era um emaranhado de ideias desencontradas e nos

seus ouvidos repetiam-se constantemente as palavras daquelas mulheres cheias de boa fé e de consciência bem sã e prontas a contrariar o mal e a atacar a mentira ou o desprestígio de quem quer que fôssem e principalmente neste caso a dignidade e as intenções de Cecília que pelos seus dons de caridade tão admirada era por todas as pessoas à excepção daquelas que por inveja ou maldade a tentavam deprimir...

D. António sempre desde-

quilómetros, por estradas, carreiros e atalhos, autêntico forrageiro humano.

Muitos carregam uma vela do seu tamanho ou vestindo uma mortalha, prometido ao Santo em hora de aflição para lá se arrastam penosamente, mas satisfeitos cantando e dançando.

Lá chegados é a promessa que se cumpre, ora dando algumas voltas de joelhos ao Santuário ou rezando uns terços, é a esmola, que se dá sem regateios e quantas vezes ela é

constituída pelo único cordão do ouro que possuía ou os brincos que tanto lhe custaram a ganhar. É um boi ou o seu valor, ovos e cravos em flor, tanto como de outros cravos S. Bento milagrosamente faz desaparecer do corpo dos devotos.

De estampa enfiada no chapéu e ramo de alfadega de traz da orelha, depois de comprada a tradicional rosca de trigo, o tão desejado como apetecido merendeiro e a pinga de estalo do garrafão ou do ôdre.

E é á sombra dum carvalho frondoso com os olhos postos no santuário e a satisfação da promessa cumprida, (não fosse S. Bentinho castigá-los por que ele é muito justiceiro, diz o povo) que se entregam às delícias desse repasto, mais apetecido do que nunca. E é comer a fartar. Mas não á descanso por que logo é a viola que sai do saco e a concertina e o pandeiro que a acompanham, para um rodopiar desen-

Continua na 5.ª página

S. BENTO DA PORTA ABERTA e a devoção do nosso povo

Não há dúvida, que é uma grande romagem a que em 13 de Agosto de cada ano se realiza em direcção ao Santuário de S. Bento da Porta Aberta.

De todos os pontos do norte do País, incluindo os pescadores, sobem até à serra os romeiros, onde não falta o frango e o presunto há tempos reservado para este dia, e o garrafão com a pinga, enfiados no cajado, uma viola, uma concertina e um pandeiro, percorrendo a pé distância que por vezes se aproxima da centena de

Ponte sobre o Rio Cávado

EM ANCEDE

Por proposta do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Amares, foi deliberado na sessão de 6 de Julho que se iniciasse o estudo da Ponte de Ancede, velha aspiração dos povos de uma e outra margem do Rio Cávado.

Há muitos anos com estradas de um e outro lado já construídas para o efeito, esta aspiração tem sido retardada fazendo-se o seu grande tráfego de peões, de gado e de carga penosamente, com barcas a remo, já ali tendo havido por vezes, desastres em maré de cheia.

É de louvar a iniciativa do Senhor Presidente imediatamente secundada por toda a Câmara.

Realizador bem destacado de outrora, êle é também o

grande obreiro da hora presente.

Bem demonstrada pela sua actividade na Misericórdia, através de milhares de consultas gratuitas anuais e de milhares de escudos em medicamentos oferecidos.

NOVO DELEGADO

do Instituto Nacional do Trabalho

Foi nomeado Delegado do Instituto Nacional do Trabalho, em Braga, o sr. dr. José Coelho Rebelo Cotta que exercia iguais funções no distrito de Vila Real onde granjeou a maior estima e consi-

deração tendo-se evidenciado pelas suas qualidades de inteligência e de senso.

Foi-lhe concedida a posse na passada segunda feira, no Ministério das Corporações, tendo assumido as novas funções, em Braga, na passada quinta feira.

Para o efeito, na Delegação do I. N. T. P. reuniram-se grande número de individualidades do Distrito e outras vindas de Vila Real e que quiseram tributar ao sr. dr. Rebelo Cotta a admiração que lhe devem pelo superior critério mostrado no exercício das suas prestigiosas funções.

Devido à falta de espaço não nos é possível fazer um relato mais pormenorizado do acontecimento que é da maior importância para a vida corporativa do Distrito.

Não queremos, no entanto, deixar de testemunhar ao novo Delegado do I. N. T. P. o nosso apreço e de colocar lhe prometeremos a nossa melhor colaboração.

(Continua na 5.ª página)

TRIBUNA FEMININA

Coordenada por JORNAL FEMININO

DEDO ADIVINHO — Culinária

Vou narrar-vos um caso verídico em que a protagonista foi uma criança de seis anos, e que servirá de exemplo a muitas mães que têm por hábito explorar o sobrenatural para impressionarem a imaginação infantil.

Helena foi a oitava filha dum casal, ele sapateiro e ela um pouco de todos esses officios que uma mulher de meia idade e analfabeta pode executar: carrejona, mulher a dias, de recados, etc. Não teve, porém, a sorte dos seus irmãos. Uma tia remediada, em parte encantada com a graciosidade da sobrinha, em parte no intuito de ajudar a irmã, adoptou-a, teria a miúda uns quatro anos.

Foi para Helena um acontecimento feliz o gesto caridoso da tia. Salva da promiscuidade e da miséria, deliciouse no novo ambiente, na fartura, nos vestidos novos, airosos e bonitos como nunca tivera, nos sapatos de verniz em substituição dos tamancos de pau.

De seu natural meiga, excedia-se em carinhos com os tios como se compreendesse que devia recompensá-los pelo bem estar de que a rodeavam. Tornou-se a rainha da casa. Alegre irrequieta, como a maioria das crianças, arreliaava a tia, mas esta não tinha nunca coragem para a repreender com severidade, pois enternecia-se ante o ar inocente e humilde e o seu jeito de gatinha mimada. Quando muito, ao tomar conhecimento de uma desobediência maior, chamava-a à atenção.

— «Lénita, tu calçaste os sapatos que eu disse serem só para ir passear!»

Sem negar, a garota perguntava:

— «Como soubeste?»

— «É que eu tenho um dedo que adivinha».

Ficava triste a Helena por a tia a ter descoberto em falta, mas apesar de não a querer contrariar, não resistia à tentação de, na sua ausência, voltar a calçar os sapatos novos, mudar de vestido, ir brincar com as meninas de vizinhança e comer açúcar. Além de vaidosa a nossa Lénita era lambareira, mas porque desejava que a amassem, sofria quando as suas traquinices eram descobertas. Bem procurava deixar tudo conforme estava antes de lhe mexer; na sua vista nada a acusaria, mas a tia descobria tudo com a maior facilidade. Aquele dedo adivinho torturava-a. E ao reincidir, no assalto ao açúcar e ser descoberta, a ideia em germinação eclodiu.

— «A menina foi ao açúcar, não foi?»

— «Fui, titi».

— «O meu dedo bem mo

dissel!»

E a garota, com os olhos muito inocentes fitos na tia, perguntou:

— «Titi, que dedo é?»

— «Este». — disse a tia indicando o mindinho direito.

Helena olhou atentamente o dedo, depois deteve-se no seu, olhou-o por todos os lados e exclamou, ingenuamente:

— «Mas, titi, o meu não adivinha nada!»

— «Pois não, só o das pessoas grandes adivinham».

— «E não há forma de eles não adivinharem?» — tornou a miúda.

— «Não». — respondeu a tia

— «Enquanto tivermos este dedo adivinharemos sempre».

Helena calou-se, mas ficou a pensar, a pensar...

Passados dias, a miúda foi visitar os pais. Como habitualmente brincou com os irmãos, rodeou a banca de sapateiro do pai, pegou na ferramenta, mexeu em tudo e ao retirar-se deixou a todos a saudade da sua exuberância infantil. Dali a pouco o pai precisou da sua faca de trabalho e não a encontrou.

— «Foi aquela endiabrada da Lena que a tirou do sítio.» E foi buscar uma menos afiada para remediar.

No dia seguinte, após o almoço, como sempre, a tia mandou a Lénita deitar-se para dormir a sesta e ela mesmo seguiu-lhe o exemplo.

A casa estava envolta na paz morna de um dia de calor ardente. As portadas semi-fechadas coavam uma luz fraca. Dêbilmente, ecoava de vez em quando o ruído feito pela criada a lavar a louça. Foi então que, pé ante pé, Helena abandonou o seu quarto e, sem fazer ruído, penetrou no da tia, aproximou-se da cama onde ela dormia a sono solto e, pegando-lhe na mão direita, começou a cortar...

Aos gritos da velha senhora correu a criada que deparou com a miúda sustendo uma faca ensanguentada e a sua ama a segurar o dedo mindinho da mão direita.

— «Tire-me daqui esse demónio, leve-o para onde nunca mais o veja!... Queria-me matar...» — soluçava a senhora com uma crise de nervos.

A miúda, atemorizada, só sabia dizer:

— «É mentira, eu não queria matar a titi... Eu só queria cortar-lhe o dedo para que não adivinhasse o que eu fazia...»

E ao levarem-na para casa dos pais, muito chorosa, confirmava sem noção alguma de ter feito mal:

— «Eu não queria que a titi adivinhasse tudo...»

E era só isso. Disseram que

tinha maus instintos, mas não. Aquela atitude foi a resultante da deficiência infantil em distinguir o Bem do Mal, e da mentira que impressionara por incómoda a sua imaginação crédula. Não foi por maldade que dissimulara os seus actos, mas por receio de não a deixarem concretizar o seu intento.

Este é um exemplo para ser longamente meditado. Ainda a verdade é a única modalidade para se ministrar uma educação verdadeira.

Sensacional concurso que alegrou todas as senhoras portuguesas

«CONCURSO DE BORDADOS E CROCHET»

Leia as condições deste concurso em «Jornal Feminino». Prémios de 5.000\$00, 2.500\$00 e 1.500\$00 e outros prémios.

Os trabalhos, mesmo os premiados são pertenças das concorrentes.

Já sabe que:

«JORNAL FEMININO»

É a sua revista.

Se por acaso não conhece esta revista peça um exemplar à redacção:

Rua D. João IV, 904 — PORTO

Quer conhecer o seu horóscopo?

Saber a que signo pertence?

Escreva a Madame Sibila — Secção de Astrologia — «Jornal Feminino» Rua D. João IV, 904 — Porto — Indique o dia, mês e ano do seu nascimento e faça acompanhar de 25\$00 em selos de 1\$00, se o seu horóscopo vier publicado, na sua vez, na respectiva secção.

Se preferir um horóscopo em particular recebê-lo à pelo correio em carta registada, então envie a importância de 35\$00 em selos de 1\$00.



Duas encantadoras «toilettes»: prática e vestido de noite!
Que dizem de ambas? Gostam?

Salada de Ananás

Escolhe-se um ananás maduro e aromático, descaca-se, corta-se em fatias muito finas e põe-se a macerar em camadas alternadas com açúcar. Passadas 6 horas serve-se numa taça de vidro.

Nos dias quentes do verão a salada de ananás é mais agradável quando se apresenta gelada.

Salada de Frutas

Descascam-se laranjas, ba-

nanas, ananás, tangerinas e maçãs. Cortam-se estas frutas em pequenos pedaços. Deita-se-lhes pingos de limão, ginjas cristalizadas e açúcar ao paladar. Põe-se a gelar. Na altura de se servir enchem-se as taças com a salada, e por cima coloca-se uma porção de chantilly. A enfeitar ginjas cristalizadas cortadas aos bocadinhos.

Salada de Frutas com Merengue

Cortam-se bananas em rodelas, laranjas em quartos, maçãs em bocadinhos e todos os outros frutos que se quiserem.

Dispõe-se tudo numa saladeira de vidro alternando com camadas de açúcar e vinho do Porto. Guarnece-se, por fim, com montinhos de merengue.

O merengue faz-se batendo claras de ovos em castelo, juntando-se-lhe depois, pouco a pouco, açúcar branco, refinado, até adoçar devidamente, e umas gotas de essência de baunilha para aromatizar.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Leia, Assine

Publique no

«Tribuna Livre»

Visado pela Censura

TRIBUNA do CONCELHO

A Grande Peregrinação A Nossa Senhora da Abadia

A grandiosa romaria de Nossa Senhora da Abadia, principiou no dia 10 e terminou no dia 15 do corrente mes de Agosto, foi muito concorrida por milhares de peregrinos que se deslocaram de todas as terras do país, vindo cumprir suas promessas pelas graças concedidas da Santíssima Virgem Nossa Senhora da Abadia. Ao mesmo tempo continuando a pedir à mesma Senhora a Paz para Portugal nesta hora que se encontra enlutada pelos tristes acontecimentos de Angola e Guiné.

Não devemos esquecer que o dia 15 de Agosto, dia de Nossa Senhora da Abadia, o Santuário Mariano mais antigo da Península Ibérica, é dia Santo e friado Nacional hora que toda a Nação Portuguesa possa ter possibilidade de vir junto da mesma Senhora pedir-lhe a sua protecção, seguindo o exemplo do nosso primeiro Rei de Portugal, D. Afonso Henriques, o qual segundo a tradição veio

junto da Santíssima Virgem pedir a sua protecção para a grande batalha que iria travar contra o inimigo nos Arcos de Valdevez e da qual saiu vitorioso. Mediante esta tradição e grande Devoção por Nossa Senhora da Abadia, a Ex.ma Mesa da Confraria, presidida pelo Rv.do Senhor Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, ilustríssimo Juiz desta confraria, resolveu que no dia 17 do próximo mes de Setembro seja organizada uma grandiosa e fervorosa peregrinação somente de penitência, portanto da Igreja parquial de Bouro, pedindo e suplicando a Paz para Portugal inteiro e pedindo para que todos aqueles que foram obrigados, em defesa da Pátria portuguesa, seguirem para as nossas Províncias Ultramarinas, dentro em breve possam regressar para junto das suas janelas que já tem chorado lágrimas de tristeza pela reparação dos seus entes queridos.

NAMBUANGONGO

Num mês os nossos soldados,
(E que mês, meu Deus, tão longo!)
Vencendo mil espeçilhos
Retomaram Nambuangongo.

De lá depressa varreram,
Com rajadas de metralha,
Todos os bandos malditos
Da terrorista canalha.

Depois bem alto hastearam
Nossa Bandeira imortal,
Que, como outrora, proclama
Aqui manda Portugal.

Branços, pretos e mestiços,
Deste Império nobres filhos,
Abraçados ali deram
A Portugal novos brilhos.

Moços de todas as côres
Mas brancos no coração,
Mostraram agora ao mundo
Quem é que tinha razão.

Quem me dera ter ouvido
Sons dos clarins da vitória;
Ter abraçado os rapazes
Que se cobriram de glória!

UERBA

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
MODELAR**

Telefone 62113

Amores

Vida elegante

SALVÉ 23-8-961

Passa no dia 23 do corrente, o seu aniversário natalício a Senhora D. Maria Lucília de Macedo, extremosa esposa do nosso particular amigo e assinante deste jornal, Sr. José Manuel Martins, comerciante nesta vila.

Por tão faustosa data, seu marido e filhos fazem votos que esta se repita por muitos anos no seio da família.

Em Missão de Serviço

Com destino à cidade da Beira, seguiu para o ultramar em missão de serviço, o nosso assinante Sr. André Fernandes de Macedo, Furriel da Força Aérea.

Em virtude de não se poder despedir de todos os seus amigos pessoalmente, pedimos para o fazer-mos por intermédio deste jornal, pon-do ao dispor de todos a sua nova morada.

FALECIMENTO

Na sua residência sita no lugar Novo, desta Vila, faleceu contornado com todos os sacramentos da Santa Igreja, o Sr. António Fernandes de Sousa, de 58 anos de idade, comerciante, era possuidor de excelentes dotes de vontade.

O seu falecimento causou grande constreção no lugar, devido a que deixa viúva a Sra. D. Felizarda Antunes Ribeiro.

«Tribuna Livre» apresenta a toda a família as suas mais sentidas condolências.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Visado pela censura

CARTA DE LAGO

***** Meus caros amigos ausentes *****

Ausentou-se para Lisboa, Senhor Maurício António Soares, empregado comercial que foi empregar-se no comércio e viver na casa do Senhor Joaquim Soares Ribeiro, comerciante em Lisboa e também natural de Lago.

Encontra-se em Lago, junto de sua esposa, o Senhor Severino Fernandes dos Santos, a restabelecer-se de uma operação de apêndice feita em França. Também veio de França passar curtas férias a Portugal o Senhor António da Cunha, de Lago e casado em Soutelo.

Inspeções militares

Fizeram as inspeções militares e dos rapazes de Lago apenas um ficou livre, por lhe faltar um dedo de uma das mãos, cortado há anos na fábrica de serração onde trabalhava.

Casualmente fui a Amares nessa ocasião e vi-me logo cercado pelos rapazes de Lago que, todos satisfeitos, me vieram contar o resultado do inspecção. Tive que dar parabéns aos apurados e pésames ao livre... Impressionou-me a coragem, animação e bom humor dos moços de Lago ao lembrar-me de um choramingas que no dia anterior gemeu diante de mim com medo de ir para Angola. Momentos depois a junta de inspecção declarava-o inapto.

Largo do Paço

Tem havido muitas lembranças de embelezamento para este largo. Estou perfeitamente de acordo com essas lembranças. Acrescentarei porém outra lembrança: encaletar todos os caminhos de acesso e libertá-lo dos calhaus. Sim, dos calhaus, porque da canalha, das más línguas, dos cães e das sardineiras não é fácil libertá-lo. As pedras semeadas a êsmo principalmente do lado norte são perigosas e dão má impressão a quem passa. A desordem do arvoredo é evidente, mas não é maior que a das línguas... Afinal o terreno livre de caminhos é pouco e julgo que até mesmo a junta Autónoma das Estradas lhe podia valer pois que tem arranjado pequenos recantos, junto da estrada nacional, com muito bom gosto, honra lhe seja. Aqui há as peias de o terreno, embora baldio, ser propriedade particular. Diga-se, de passagem, que, geralmente, os donos destes nacos de terra lhes têm mais amor do que se fosse uma grande quinta! Isto parece ridículo mas é verdade.

Barulhos e educação

Nas proximidades dos tascos são frequentes os barulhos. O vinho, embora pacífico, grama sempre com as culpas. Contudo a falta de educação das vontades é causa principal das desordens. Quem é bem educado não bebe nem come demais... As pessoas mal educadas, e portanto, sem domínio de si mesmas, não podem sotrer a menor ofensa, apesar de, muitas vezes, ofenderem.

É falta de cristianismo vivido... Digo-vos isto a propósito de algumas desordens aqui havidas e que não honram ninguém.

Anjo da Guarda

Mais um dos ausentes se inscreveu com 100\$00 na lista dos devotos. Trata-se do Senhor António Manuel da Silva Fernandes, residente em Lisboa. Têm a palavra os ausentes de Angola, Moçambique, Guiné, Brasil, França... e não apenas os do Porto e Lisboa. Não fecheis os olhos e os ouvidos! Não vos esqueçais da vossa terra, porque os de cá também se não esquecem de vós. Entendido?

Saudações do vosso: J. Moreira

HUMORISMO

Por Esquisita...

Um homem vai ao consultório do médico de fama. E diz:

— Sr. doutor, queria que me visse: às vezes doi-me esta perda...

— Primeiro: qual é a sua profissão?

— Artista de circo.

— Então vamos lá saber dessa dor...

O cliente pega na perna direita, põe-na ao ombro, com a mão esquerda puxa-a até a enrolar no pescoço e, a suar e muito vermelho, diz:

— Vê o sr. doutor?! Quando faço isto é que me doi um bocado...

* * *

O Zeca para a mãe:
— Mãezinha, dás-me cinco mil réis para eu dar a um homenzinho?

— Onde está ele, meu filho?
— Na bilheteira do cinema...

S. Bento da Porta Aberta e a devoção do nosso povo

Continuação da 1.ª página)

friado e cantigas esperituosas, os ranchos se juntam, e um desafio à fadiga de cantarem todo um folclore puro e secular, herdado dos seus avós, que mal deixam ouvir a música que no coreto toca as suas raposódias, pois aqui não têm lugar as operas. Todas estas rusgas, tocatas, cantares, em que entram às centenas, as violas, os pandeiros, os requeres, as concertinas e os ferrinhos, constituem uma grande raposódia, que um povo crente e inocente leva à conta de adoração ao seu S. Bentinho milagroso.

O Fogo de artifício que se estende noite fora é já presenciado por este monte de gente, dormitando pela relva estemada pelo esforço despendido. Abrem os olhos quando o foguete arranca, mas já estão fechados quando ele desabrocha as suas pétalas de fogo.

Ó Manuel, ó Maria, ó Zé, chamam os mais velhos, vamos, acordai, é preciso ir-mo-nos para aproveitar a fresca da noite, e é com um gemido do corpo cansado e dorido e um bocejo, que começa novamente a subida da Montanha, para de madrugada chegarem à Senhora da Abadia onde os históricos Quarteis os esperam para um repouso tão necessário. Também aqui há promessas a fazer e com a maior devoção ali se cumprem se reza e se ora no mais velho Santuário Mariano do País. Mais uma asa de frango um naco de presunto, nova pinga e aí regressam esses romeiros, cantando e dançando, quasi sem descanso e durante tantos quilómetros.

Não sabemos ainda (e só

encontramos explicação na fé), como estes romeiros diferentemente do que acontece em quasi todas as romarias, aguentam uma dança-caminhante, e durante tantos quilómetros.

Não há povoação por pequena que seja que eles não brindem com as suas danças, seus toques e seus cânticos.

Neste dia todo este minho encantado, está em festa.

Não reparam já estes romeiros nas maravilhas da paisagem dos locais que percorreram, já tão familiarizados estão com ela.

Não sabem eles que percorrem nesse calvário de penitência a maior maravilha do Minho. Toda a Zona — Abadia — S. Bento — Barragem-Central e Albufeira da Caniçada, e Gerês, constitui um conjunto sem par nas belezas do Minho, o que já vários escritores e cronistas contemporâneos tem realçado. Mas a vista desde o alto da montanha que separa o S. Bento da Porta Aberta, da Abadia, o alto do formigueiro, — (nome que lhe vem do formigueiro humano que por ali passa) é uma visão simplesmente fantástica.

Dali a nossa vista abarca o Gerês e a Serra, S. Bento, as pontes e sua enorme e graciosa albufeira, a central, o curso do Cávado até Salamonde, todo o Panorama de outra margem e para poente a Abadia e todo o Concelho de Amares.

Vale apena subir esta Montanha, não há dúvida.

Também não há dúvida que, a crença do nosso povo, os seus costumes, o seu folclore, o seu sacrifício e as suas dádivas são maravilhas do género humano aureoladas pela graça do Altíssimo.

P. M.

FÉ

Eu creio firmemente na hora do resgate
Que se aproxima já, na Hora do Senhor:
Quando num campo só, num derradeiro embate
As trevas contra a luz, o ódio contra o amor
Se encontrem frente a frente...

Eu creio nesse instante... A Luz resplandecendo
Há-de por fim rasgar a escuridão a isto!
E, triunfante o Amor, desse choque tremendo,
Fará reinar no Mundo a paz de Jesus Cristo.

Setembro de 1944

URBA



RELOJARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1930

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 22526 Braga

UMA MEDIDA DE HIGIENE QUE SE IMPÕE

Continuação da 1.ª página)

se o médico descobre que está envenenado: Aquele, toma banhos de alcool, e recebe com susto a notícia de que o ataca a cirrose, procurando que o médico lhe cure em vinte minutos o que é consequência de vinte anos de uso e de abuso.

Estoutro não se alimenta convenientemente, gastando em acepipes o que melhor empregado seria em pão de boa qualidade e em leite puro, e depois afunda-se moralmente quando lhe anunciam que tem uma úlcera no estomago. Aqueloutro diz não ter dinheiro para comprar um rolo de papel higiênico, servindo-se para o fim que se advinha do vulgar papel do jornal (carregado de tóxicos por estar impregnado dos agentes deletérios contidos nas tintas de impressão) mas depois pode estar anos inteiros a sofrer de terríveis doenças rectais, gastando em remédios o que é dele, ou pertence à família ou à Nação, pois, mesmo admitindo a hipótese de que seja pedinte, terá de ser hospitalizado, sobrecarregando assim todos os cidadãos válidos da comunidade, pois são eles, em última e verdadeira análise, que pagam as despesas extraordinárias que daí resultam. E tudo isso só porque se utilizou um bocado de papel que a decência e a profilaxia condenam rigorosa e absolutamente.

Mas o uso do papel higiênico tem ainda outras vantagens que interessam altamente a quem se preocupa com a higiene privada e pública e graças a ele podem evitar-se os receptáculos de papéis utilizados, aliás proibidos pelas Autoridades competentes e que são somente focos mefíticos e quadros de nojo. De facto, o papel higiênico, não entope as bacias pois, embora flutue, é a breve trecho transformado pela água em pasta que quase se liquefaz, desaparecendo da vista, com as descargas de água, sem mais processos nem contradições.

Eis uma medida que a higiene e a simples profilaxia aconselham a adoptar em todas as casas, muito especialmente nos hotéis, nas pousadas, e nos restaurantes de todo o país.

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

Visado pela Censura

Noticiário do País

O Governo Português vai utilizar o direito de passagem para os territórios de Dadrá e Nagar-Aveli que lhe foi reconhecido pelo Tribunal Internacional de Justiça

O texto do documento referido na nota oficiosa é o seguinte:

«Por acórdão de 12 de Abril de 1960 reconheceu o Tribunal Internacional de Justiça, que a favor de Portugal existe um direito de passagem entre os territórios de Dadrá e de Nagar-Aveli, por um lado, e o território de Damão Litoral, por outro. Segundo o referido acórdão as faculdades decorrentes para Portugal daquele direito de passagem deverão ser observadas pelo governo da União Indiana no quadro da regulamentação que por este for julgada conveniente e na medida necessária ao exercício efectivo da soberania portuguesa em Dadrá e em Nagar-Aveli, abrangendo as pessoas privadas, os funcionários civis e as mercadorias em geral.

«Porque o governo da União Indiana tem sempre afirmado o seu respeito pela ordem jurídica internacional e defende o princípio do acatamento das decisões do mais alto órgão judicial da comunidade das nações, aguardou o Governo Português que o governo indiano, dentro daquele espírito, definísimo a sua

atitude perante o acórdão de 12 de Abril de 1960, e em particular indicasse as suas intenções quanto à forma do exercício do direito de passagem por parte de Portugal, em obediência e nos termos do referido acórdão.

«Não havendo o governo indiano dado a conhecer até à data os seus propósitos no tocante à forma de cumprir a deliberação do Tribunal Internacional, entende o Governo Português não poder protelar as diligências necessárias para exercer o direito, que lhe foi judicialmente reconhecido, sendo certo que esse exercício se impõe e justifica pelas razões do conhecimento do governo indiano.

«Nestas circunstâncias, o Governo Português dirige-se ao governo indiano e comunicar-lhe a sua intenção de usar do seu direito de passagem para os territórios de Dadrá e de Nagar-Aveli, dentro dos limites e nos precisos termos do acórdão de 12 de Abril de 1960, para o que fornecerá ao governo indiano, e na oportunidade breve, todos os elementos de facto apropriados».



COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO,
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo
mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || **BRAGA**

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Antigo Padroado de Rendufe ROMANCE OU NOVELA?

(Continuação da 1.ª página)

ma Senhora, que Deus guarde, em como notifiquei ao Reverendo José António Marinho Falcão Abbade de São Thome de Prozello, na forma da petição e despacho retro, que lhe declarei de modo que elle bem o podia entender, para que no dia trinta de Março se achar no sitio de Montariol com o seo louvado, pena de revelia: hoje vinte e nove de Março de...

Auto de demarcação, e confins dos lemites da freguesia de Barreiros com a de São Thome de Prozello — Anno do Nascimento... em o lugar de Montariol, e no sitio do Penedo da Serra, que he limite das freguesias de Carzedo, Barreiros e Prozello, aonde eu Escrivão fui vindo com o Doutor José António da Motta Gomes...

para effeito de se proceder na continuação deste Tombo, e sendo ahi, e no dito sitio por se achar citadas as partes para apresentar seos Louvados e informadores na forma da petição retro, por nelle principiari a demarcação e confrontação com a freguesia de São Thome de Prozello com a de São Pedro de Barreiros do Padroado do Reverendo Suplicante e seo Mosteiro, e sendo ahi; estando presente o Reverendo Padre Dom Abbade do Mosteiro de Rendufe por elle foi dito que pela sua parte se louvava em António Rodrigues do lugar de Passos da dita freguesia de Barreiros, e o Reverendo Suplicado Jose António Pereira Marinho Falcão Abbade da dita freguesia de São Thome de Prozello se louvou em João da Costa Machado do lugar do Cabo da dita freguesia de Prozello, e que uns e outros protestavam apresentar informadores para que huns e outros debaixo de juramento informassem a verdade dos termos por onde confinava esta lemitação, e por onde se praticava o uzo se dizimar os dizimos, e ouviram a seos passados; e estando presentes os ditos Louvados por elle Ministro lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos em forma devida, sob cargo do qual lhes encarregou que bem e na verdade dissessem o que entendessem em suas consciências, à vista do que informassem os informadores, e mandou elle Ministro vir para informadores José Cerqueira, João Francisco do Pombal, e Pedro Martins do Covelo, e António Francisco dos Tortudos, todos da dita freguesia de Barreiros, e António da Silva da freguesia de Gerás concelho da Povoia, e por parte do Reverendo Suplicado Manoel Ferreira de Lima e o Padre Domingos Jose Alvares, e que estes eram os que nomeava o Reverendo Suplicado aos quaes estando presentes lhes deferio elle Ministro o juramento dos Santos Evangelhos em forma devida, sob cargo do qual lhes encarregou que bem e na verdade informassem o que entendessem em suas consciências, e declarassem o uzo e costume por onde se pagava o dizimo; e recebido por elles louvados e informadores o dito juramento, assim o prometeram fazer na verdade, e para constar mandou elle Doutor do Tombo fazer este Auto que elles assignaram com elle Doutor Juiz do Tombo, de que dou fé... E logo pello Doutor Corregedor foi mandado vir à sua presença os informadores acima nomeados pelo Reverendo Dom Abbade de Rendufe, e por informadores Jose Cerqueira da freguesia de São Pedro de Barreiros, que disse ser de idade sessenta e cinco anos que disse debaixo do juramento que tomado tinha, disse que sempre ouvira dizer a seos passados que os limites da freguesia de São Thome de Prozello vinhão do Penedo da Serra em direitura ao Mato do Cabido, que está no monte valdio, e que dahi atravessava a casa do Comprido, e te longo das casas para baixo, e que o fogo se fazia em Barreiros, e que suposto o morador da dita casa era hoje morador na freguesia de Prozello, era por ter as portas para a dita freguesia de Prozello, e que a dita casa era de António da Silva da freguesia de Gerás concelho da Povoia, e que da dita casa ia entrando pela quinta do Capitão Francisco Xavier de Almeida das Bouças, o qual tambem dizima para Barreiros o que elle tem demarcado, e que da estrada velha, e pomar de Pedro Rodrigues se não lembra por estar hoje tudo confundido, e mas não disse.

E logo pelo informador Pedro Martins do Covello freguesia de Barreiros que disse ser de idade de cicoenta e tres annos, e disse que debaixo do juramento que tinha recebido sempre ouvira dizer a pessoas velhas que a demarcação da freguesia de Prozello com a de Barreiros vinha do Penedo da Serra ao Mato do Cabido que he no valdio, e dahi ao comprido pelo meio da casa de Montariol, que hoje possui António da Silva da freguesia de

uma missão verdadeiramente social, porque adquirira a certeza, atravez da voz daquelas pobres mulheres de que no povo residia a bondade pura e um verdadeiro idial de justiça.

Fôra preciso aquele incidente banal para poder architectar bem dos errados conceitos que durante toda a sua vida o nortearam e poder ainda a tempo enveredar por um caminho mais consentaneo com os seguros e salutareos principios da estruturação humana.

Deus sabe se as amarguras dagora não serão as consequências de formação defeituosa do seu carácter, assente em debil egoismo e forte dominio do seu próprio ser.

Mas a culpa não era sua. Vinha já de longe e tais defeitos vertiam-se de geração em geração como a água da nascente em rio altaneiro, sem nunca ter sido possível desviar-lhe o seu curso.

Mas existiria algum com a coragem e a maldade de fazer afirmações menos justas e verdadeiras quanto a sua filha, lhana no trato, delicada para com todas as pessoas e revelando sempre esma educação esmerada? Não era possível, mas a duvida exasperava-o e sentia vontade de gritar bem alto a inocencia de sua filha, e as suas qualidades invulgares. Mais, desafiar quem quer que fosse a repetir alguma recriminação rusceptível de pôr em dúvida a sua honra ou a de alguma pessoa de familia. Canalhas... Canalhas... bradou.

Neste instante sentiu pouzar-se-lhe sobre o ombro uma mão que o fez estremecer, e, voltando-se deparou com o seu vizinho e companheiro de infância António Diniz, rico proprietário altamente conceituado na freguesia e arredores.

— D. António, que é isso? Que beneficio é esse?

— Oh!... tu Diniz! Ouviste!... Como apareceste aqui sem eu presentir? Eu enlouqueci!...

— Socega D. António. Antes não tivesse vindo aqui. Mas procurei-te em casa e disseram-me que estavas para estes lados. Ouvi falar e aproximei-me. Eras tu e tentei recuar quando vi os braços no ar, acompanhados dum grito de desespero, mas pensando que alguma má noticia te atormentara não o fiz. Mas afinal o que se passa?

D. António contou o que escutaria às mulheres da fonte e baixando a cabeça exclamou.

— Diniz, nunca na minha vida guardei segredos para contigo e fazê-lo agora seria traír a nossa amizade desde crianças. Ouve-me sem me reprender.

Minha mulher, não comprehende, apesar das minhas

insistentes explicações, a razão do meu estado de espirito e isso entristeceu-me e irritou-me numa forma deveras assustadora. Tenho receio de mim próprio e de romper precipitadamente a paz do meu lar. Entre nós nasce constantemente uma disputa sobre a educação da nossa filha. Mas para mim a razão não está no convívio familiar, mas sim nos reflexos inevitáveis das transmutações da sociedade.

Cada geração vive a sua própria época e força-la ao inverso é criar a desordem e a rebelião. É necessário que a geração que acabe irá dando antecipadamente o seu lugar á que se inicia sem lhe refrear os impulsos da vontade firme de existir melhor e com mais superioridade. Os seus desacertos são o produto dum exagerado desejo de aperfeiçoamento e não podemos nem devemos criticá-los e antes ajudar a corrigi-los se possível fôr. Diniz ouvi em silêncio e contra o prometido interrompeu D. António: — Mas, eu não vejo ainda nada de real para vires assim amargurado.

São apenas suposições. Em que residem as vossas culpas?

— Não manifestas contrariedades e desobediências de Cecília. Desconhecê-las e por isso não podes julgá-las criteriosamente. Só eu depois de ponderar bem cheguei à conclusão das suas incontestáveis razões. Ela não desobedeceu a seus pais. Apenas seguiu os impulsos justíssimos da sua razão sem nos atirar à face as

imprudências do nosso proceder. Nós fechamos teimosamente os olhos à realidade e egoismos muitas vezes dos filhos a obrigação de trilharem as veredas dum passado cujo ruir ouviamos de vez em quando como o desprender dos materiais dum velho edificio carcomido pelas intemperies e pelo abandono. Isolados neste recanto tão pequenino julgamos a sociedade imutável nos seus costumes, habitos e tendências e criamos um eu de sensibilidade estreita e dai a origem das decepções sofridas quando menos esperamos.

Despujamos por completo a largura dos horizontes e se alguém nos relata factos que nos causam estranheza não procuramos encontrar os seus fundamentos e condenamo-los de preceito. Não será isto verdade Diniz?

— Julgo que sim, e começo agora também a descobrir certos aborrecimentos com meus filhos. Queremo-los educados à nossa semelhança e cometemos um erro grave e de consequências por vezes irreparáveis.

Os dois deram-se o braço e seguiram em direcção a casa de D. António. Diniz contou em palavras breves algumas contrariedades que existiam na sua familia e ambos chegaram à conclusão de que o mundo era muito diferente daquele em que tinham sido educados.

— É necessário arripiar caminho António.

E ainda estamos em tempo.

Presidente da Câmara Municipal de Amares

(Continuação da 1.ª página)

ra estarem receosas as gentes de Dornelas, Goães, Santa Marta e Bouro, que esperam a maior obra do concelho com a sua total electrificação; a de Caldelas, que espera o abastecimento de águas, uma vez já perdido; as de Proselo, Paranhos e Seramil, que nunca tiveram uma estrada e vão tê-la muito em breve; as de Barreiros, Ferreiros, Besteiros, Goães e Dornelas, que vão ter escolas novas e outros melhoramentos.

* * *

Tudo isto representa muito trabalho, muita ceaseira, muita dedicação ao bem público.

De referir que tivemos pessoas que governaram tanto tempo sem nada realizarem, como todos sabemos e os números provam. A inércia de então responderem os mesmos agora com uma actividade constante tentando de todas as maneiras contrariar os que trabalham. Na falta de elementos responsáveis vale o recurso aos *terroristas* de dentro.

A claue vem dos fiscalizadores de assembleias, distribuidores de milhares de impressos e cartazes, organizadores de reuniões publicas, angariadores declarados de Votos manifestantes de estandarte ou de ramo de flores, radio-ouvintes... etc.

Aqui tudo isto é sabido e lugar comum. Já não surpreende ver quem tenha responsabilidades vir de longe para reunir essa duzia (se tanto) uma manifestação de força. Já não surpreende ver um opositor na *união* e depois ir abonar a idomidade politica dum colega, embora ele, mais coerente se negue, a afirmar que é, o que o outro abona.

Como não é corrente a administração intervir em coisa política, em casa de político, o Delgado continua exposto ao público, proclama-se a sua defesa dentro das casas do Estado, etc. etc.

Dentro dos novos moldes um timoneiro de tal gente é, em verdade, o homem fadado para a União...

Como gostávamos de não ir mais longe!

* As reticências evitam escusadas repellições.

(Continua no próximo número)

A próxima Peregrinação AO SAMEIRO

A próxima peregrinação ao Sameiro que se realizará no dia 27 do mês corrente, integra-se não só na disposição estatutária da Confraria que a preceitua, mas ainda e principalmente no objectivo de correspondência plena a Mensagem de Fátima que já orientou a preparação e a inesquecível jornada de oração e penitência que foi a peregrinação de 4 de Junho passado que levou ao Sameiro mais de 150 mil peregrinos, quinze mil dos quais ali comungaram.

A peregrinação que agora se anuncia e se prepara há-de ser porque tem de ser, a consequência lógica das premissas que aquela jornada estabeleceu e a resposta sincera, consciente e convicta dos nossos católicos à Mensagem de Fátima e a gravidade da hora que passa.

Não se trata da exploração que talvez fosse oportunista mas é repugnante, do facto de estado de guerra em que vivemos e afecta pessoa se bens portugueses, para promover um movimento aparentemente religioso que seria sobretudo piegas e incaracterístico.

Trata-se sim de reconhecer honesta e virilmente que estamos em hora de provação e de guerra porque a merecemos pela nossa incúria, pelos nossos desleixos, pelas nossas omissões, pelas nossas maldades, pelas nossas transigências, pelos nossos pecados — numa palavra. Isto é que importa. Para

além de tudo, reconhecer, o erro reparar o pecado e praticar a virtude, é o que se impõe e é o que se conseguirá se não continuarmos — como e temos feito nestes longos anos de paz imerecida — a fazer ouvidos surdos à Mensagem da Virgem em Fátima.

É por isso que se insiste no cumprimento daquela Mensagem e de apela para a oração, a penitência e a modestia como meios reais e eficazes que são de merecermos a paz e a tranquilidade de que tanto carecemos individual e colectivamente.

Rejubilar-se-á com a presença de milhares de peregrinos no Sameiro, mas importa que todos eles participem em todos os actos com autêntico espírito de oração, de penitência e de expiação, conscientes da necessidade e da importância da sua presença naqueles actos, da sua correspondência à Mensagem de Fátima e do seu esforço da sua santificação e na santificação do próximo. Interam pouco as grandes multidões arrebanhadas ou arastadas por uma ideia defesta ou romaria. A hora impõe que se faça violência ao Céu, que expiemos por nós e pelos que não querem e isso não pode ser feito por apáticos, desinteressados, «deixa-correr», inconscientes, inconvictos, cépticos ou típicos que Deus vomitou

A Novena Preparatória

É este clima de esclarecimento, de fortalecimento

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na
INCREMENTUM - Rua Santa
Marta, 58-3.º-onde também
se recebem assinaturas e
publicidade

da Fé e chamada à responsabilidade que se pretende criar com a Novena de Nossa Senhora do Sameiro que se realizará — conforme recente provisão do Senhor Arcebispo Primaz — em todas as paróquias da Arquidiocese, antecedendo o grande dia da Peregrinação.

Outros actos religiosos não-de efectivar-se do mesmo modo que se há-de continuar a divulgação de literatura da Mensagem de Fátima, mas é necessário que paralelamente com este trabalho comum e genérico, cada católico consciente e convicto — honesto nos seus princípios e nas suas acções — colabore e faça a sua acção pessoal para que a próxima peregrinação ao Sameiro não seja mais uma simples manifestação religiosa muito adjectivada no dia da sua realização e no seguinte, mas de frutos que fenecem à primeira contrariedade, ao primeiro sopro de ventos adversos, ou após a passagem de meia duzia de dias...

É isto que pede e esperados católicos de Braga, a Confraria de Nossa Senhora do Monte Sameiro.

Em próxima notícia se dará conta do programa, da procissão de velas no Sameiro e da Velada a realizar no alto da Montanha Santa, na noite do dia 26, bem como dos actos próprios da peregrinação.

As más línguas EM CANIÇADA

puros e as nossas vistas

Como em toda a parte, em Caniçada existem também infelizmente estas línguas difamadoras que sem escrúpulos pernunciam blasfemas e babuseiras sem reflectir nas consequências que as mesmas podem causar.

Vou contar a qui um caso que eu mesmo pessoalmente presenciei, e que me deixou até, um pouco confuso e erritante:

«Neste período de férias que atravessámos, um certo indivíduo filho desta terra e residente em Lisboa há cinco anos, lembrou-se e muito bem, de vir descansar as suas fadigas durante alguns dias à terra que lhe serviu de berço, e respirar o ar puro da sua aldeia; um seu colega de trabalho Lisboa, que já o ano anterior o acompanhou a esta aldeia onde permaneceu alguns dias e que muito gostou, renovou o pedido, mas pedindo que o permitisse fazer-se acompanhar de suas duas irmãs que tanto adoravam o campo;

Cedido o pedido partem de Lisboa os quatro ocupantes do automóvel; o dito indivíduo, seu colega de trabalho de 29 anos, e as suas duas irmãs respectivamente de 19 e 15 anos.

Depois de passarem aqui uns agradabilíssimos dias, deliciando-se com estes ares

paisagistas, terminadas as férias regressaram de novo a Lisboa, para mais um ano de labuta que começa.

Pois caros leitores! Houve numa Senhora casada, mãe de filhas, família d'uma autoridade da terra; que teve o sangue frio e a coragem, de afirmar que essas duas jovens honestas, erão duas «Pustitutas»!!! Infeliz Senhora! que baixos sentimentos a envolve! Qual seria o motivo que a levou a fazer uma afirmação tão errada?

Haverá acaso perdão para uma difamação tão directa?

Sim é possível; às autoridades da terra é natural que escape, mas à Providência Divina não foge.

É pena que estas criaturas criminosas, que sem respeito pelo próximo, inventam calúnias desta espécie; não possam pagar neste mundo, as torturas da sua língua.

No entanto uma consolidação nos resta, um dia quando os seus lábios se serraem para sempre, darão contas concerteza daquele Órgão tão precioso que Deus Nosso Senhor lhes deu para o glorificar, e que elas hoje empregam na Calúnia, na Difamação e na maldicência!...

Deus lhe perdoe.

José Silva

Visado pela C. de Censura

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

«Continuação da Vida de D. Aleixo de Menezes»

correspondentes a seu estado; mas ensinar com meu exemplo aos Fidalgos da sua criação, que não viram a Magestade dos Reis passados, a submissão e respeito com que sempre foram venerados os Reis Portugueses.

A sexta causa dos males públicos consiste em inclinarem os Príncipes com demasia aos exercícios da guerra, caça, amores e jogos, e outros que em mediania são virtudes, e nos extremos vícios; porque enquanto os Reis ocupados em qualquer daqueles a que seu natural mais os inclina, se descuidam dos Estados e governo público, possam, os que assim os tem em seu poder, meter mão com maior liberdade no regimento do Reino e advogar a si tudo aquilo que os Reis desamparam como a experiência me tem mostrado a grande veemência com que El-Rei nosso S.or aprende qualquer cousa a que o inclinam e, como em tudo que começa busca logo os extremos; trabalhei não só de o afastar dos vícios que em sua natureza não há, mas de temperar e dar modo em seu ânimo às virtudes, para que, postas no extremo, não venham a perder sua natureza, e com pormos um Rei vicioso por excesso de virtude, que erros na inclinação de El-Rei nunca acharam lugar, senão com protestos de bons intentos, que excedam a mediania e igualdade necessária a quem ha-de reinar; de inclinar o ânimo real, ou inclinando naturalmente lhe permitir costumes viciosos, que é causa principal de sua perdição, por onde alguns abriram por ilíceto caminho a sua ruína, não trato, porque a sujeito real não é capaz dele, nem é justo que eu pretenda louvar dos erros que não cometi.

Quanto atento à obrigação de minha pessoa e cargo, ainda pelas virtudes se me não devem graças assim que mediante o bom natural

que Deus foi servido dar a S. Alteza, e alguma pouca indústria em os apartar dos inconvenientes referidos, tem Portugal até ao presente um Príncipe de claro e maravilhoso entendimento, e temente a Deus, zeloso por extremo da exaltação da Santa Fé Católica, da ânimo liberal e incluído à misericórdia, desejo de fama e nome honroso, e de tão grandes pensamentos que, medidos com seu estado, parecem nascidos para maiores impérios, e, finalmente, tal que se estas perfeições não subirão a grande extremo, ou novas comunicações o mudarem pelo discurso do tempo do estado em que o temos agora, gozará Portugal do mais excelente Príncipe que teve de muitos a esta parte, tudo o que me pareceu justo referir a V. Altezas, nao por querer agradecimentos nem satisfação de cumprir com o que devia, nem por imaginar que algumas destas lhe sejam..., mas como nas lições e novo exercício ha-de ter El-Rei nosso Senhor mais comunicação que a minha, de que se lhe pode seguir afeição que o guie por diferente caminho do que eu lhe tenho mostrado; quis fazer a V.s A.A. lembrança e pedir-lhes que atendam ao estado em que de presente temos El-Rei nosso S.or, para se medir com o tempo adiante que não duvida ser tão melhorado em tudo quanto a capacidade e maiores conhecimentos das coisas que são avantajadas em S. A., do qual, assim como não é justo usurpe eu a glória, sendo o fruto de indústria e trabalho alheio, e assim não queria que se me roubasse o que merci com tanta vigilância e trabalho do pensamento, que não é tão pequena honra por igual a qualquer dos que herdei de meus antepassados; e como minha muita idade, acompanhada de algumas indisposições, não dê lugar a tão contínua assistência como até agora tive com a pessoa de El-Rei nosso S.or, é justo que V.s A.A. supram com seu cuidado aonde não bastar o meu e ajudem a sustentar a Portugal um Príncipe tão honrado e de partes tão merecedoras do Império; porque se não perca em poucos dias o trabalho de tantos anos, e chorem seus vassallos para sempre a mudança de tão excelente natural, onde os maiores vícios tememos que venham a ser excessos de virtude.

Com diferentes efeitos foi ouvida esta prática; porque a Rainha a recebeu com algumas lágrimas nascidas porventura do que coliguido

(CONTINUA)